

Enfermagem Veterinária em Animais de Companhia O Papel do Enfermeiro Veterinário em Animais de Companhia com Doença Periodontal

Licenciatura em Enfermagem Veterinária

Rafaela Trindade Garcia

Orientadores

Professora Doutora Ana Cristina Outeiro Correia de Matos

Dra. Paula Daniela Saraiva Madureira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Enfermagem Veterinária, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Cristina Outeiro Correia de Matos, do Instituto Politécnico de Castelo Branco e orientação externa da Médica Veterinária Doutora Paula Daniela Saraiva Madureira, da Clínica Veterinária Patas e Pelos.

Outubro de 2024

“A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana”

(Charles Darwin)

Agradecimentos

A realização do estágio curricular, a elaboração deste relatório, bem como a realização de todo o meu percurso académico só foram possíveis devido ao enorme contributo de várias pessoas a quem gostaria de agradecer:

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os meus professores, docentes e não docentes da Escola Superior Agrária de Castelo Branco, que me acolheram no decorrer destes 5 anos de percurso académico, em especial à minha orientadora interna, Professora Doutora Ana Matos, pela valiosa disponibilidade em me acompanhar, guiar e ensinar durante todo o meu percurso académico, também por ter sido um apoio incondicional e por nunca me deixar desistir de nada.

Quero agradecer e destacar, o Professor João Pedro Várzea por ser uma constante fonte de motivação, incentivo e por me ter “aturado” tanto ao longo destes anos com questões da associação de estudantes.

A toda a incrível equipa da Clínica Veterinária Patas e Pelos, por tudo o que me proporcionou, apoiou e ensinou durante o estágio curricular.

Um especial agradecimento à minha orientadora externa Dra. Paula Madureira, que esteve sempre disposta a ensinar-me e ajudar-me a ser uma melhor profissional e por todo o carinho que sempre teve comigo, também destacar a Enf. Susana Simão por toda a paciência e conhecimento que me transmitiu.

Ao meu namorado Francisco Siopa por todo o apoio, por ser o meu braço direito em todas as situações possíveis e imaginárias, por me aturar mesmo quando os dias eram menos bons, por passar horas a ajudar-me a estudar, por ser o meu maior concelheiro, amigo e por toda a motivação, carinho e amor que sempre me deu ao longo destes anos. Também agradecer à família do meu namorado que sempre foi um dos meus maiores apoios e que se tornaram também a minha família.

Queria agradecer a todos os meus colegas de turma que me acompanharam, em especial à minha colega e amiga Sofia Galinha por todo o apoio durante estes 5 anos, não esquecendo ainda a minha melhor amiga de infância Érica Fernandes que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir deste que foi sempre o meu sonho.

Quero agradecer a toda a minha família, principalmente aos meus pais Idalina Garcia e Jorge Garcia, porque não há palavras para descrever todo o apoio, esforço, carinho e dedicação que sempre demonstraram para comigo, sem vocês não seria nada do que me tornei hoje, um enorme obrigada, e um bem-haja muito especial aos meus avós maternos por me acolherem nesta cidade e tratarem de mim com tanto carinho, amor e dedicação.

Por último, e para mim muito importante quero agradecer ao meu avô paterno, que fez com que eu fosse a “menina” que sou hoje, completamente apaixonada por animais, não há um único momento que eu não pense no avô sempre que cuido de algum paciente.

Resumo

O presente relatório tem como principal objetivo descrever as atividades desenvolvidas na Clínica Veterinária Patas e Pelos, no âmbito do estágio curricular da Licenciatura em Enfermagem Veterinária na Escola Superior Agrária de Castelo Branco.

A Clínica Veterinária Patas e Pelos, situada na Quinta do Conde, concelho de Sesimbra, oferece diversos serviços, nomeadamente consultas de clínica geral e de enfermagem, medicina interna, medicina preventiva, consultas ao domicílio, exames complementares de diagnóstico, cirurgias, internamento, cuidados intensivos, serviços de fisioterapia e acupuntura, consultas de ortopedia, dermatologia, oftalmologia e ecocardiografia com a colaboração de Médicos Veterinários Externos.

Durante o período de estágio curricular, que decorreu entre 16 de outubro de 2023 a 1 de fevereiro de 2024, foi possível acompanhar 390 animais, 250 canídeos e 140 felídeos, nas diversas áreas do interesse da Medicina e Enfermagem Veterinária.

No internamento, foi necessário proceder à monitorização do estado geral de cada paciente, bem como à administração de fármacos, contribuindo para o bem-estar de cada animal internado. Em cirurgia, para além de ser responsável pelo material cirúrgico, realizava a monitorização anestésica de cada animal, tendo desde logo, que preparar a medicação pós-cirúrgica e a alta de cada animal.

Para além disto, a área da Odontologia tem um destaque especial neste relatório, uma vez que a Clínica Veterinária Patas e Pelos, possui uma estação dentária de última geração acompanhada do equipamento de Raio-X dentário, sendo, desde logo, bastante procurada para a resolução de patologias orais, nomeadamente a Doença Periodontal. Estando esta doença cada vez mais presente na vida dos animais, é naturalmente importante definir funções e competências que o Enfermeiro Veterinário deve ter, de modo a poder apoiar adequadamente o Médico Veterinário no tratamento da Doença Periodontal.

Este estágio permitiu a consolidação dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo dos 3 anos de Licenciatura e a aquisição de várias competências na área da Enfermagem Veterinária num ambiente profissional vocacionado para os cuidados de saúde e bem-estar animal. Assim, foi possível experienciar, nos diversos domínios já referidos, diversas funções e tarefas numa área técnica e científica onde a Enfermagem Veterinária tem um reconhecimento efetivo e, sobretudo, parece ser a profissão de futuro e com futuro, permitindo a dignificação do ato Médico Veterinário, sempre em prol e na defesa do bem-estar animal.

Palavras chave

Canídeos; Doença Periodontal; Enfermagem; Felídeos; Odontologia.

Abstract

The main scope of this report is to describe the activities carried out at the Veterinary Clinic "Patás e Pelos", as part of the curricular internship of the Veterinary Nursing Degree at the Higher School of Agriculture of Castelo Branco.

The Veterinary Clinic "Patás e Pelos", located in Quinta do Conde in Sesimbra, offers various services, including general and nursing consultations, internal medicine, preventive medicine, home visits, complementary diagnostic exams, surgeries, hospitalization, intensive care, physiotherapy and acupuncture services, orthopedic, dermatology, ophthalmology and echocardiography consultations with the collaboration of External Veterinary Doctors.

During the curricular internship period, which took place between October 16, 2023 and February 1, 2024, it was possible to assist 390 animals, 250 dogs and 140 cats, in various areas of Veterinary Medicine and Nursing interest.

During hospitalization, it was necessary to monitor the overall condition of each patient, as well as administer medications, contributing to the well-being of each hospitalized animal. In surgery, in addition to being responsible for the surgical materials, anesthesia monitoring was performed for each animal, having to prepare the post-surgical medication and discharge instructions for each animal.

In addition to this, the area of Dentistry has a special highlight in this report, as the Veterinary Clinic "Patás e Pelos" has a state-of-the-art dental station accompanied by dental X-rays, being highly sought after for the resolution of oral pathologies, namely Periodontal Disease. Since this is a disease increasingly present in the lives of several animals, it is naturally important to define functions and competences that the Veterinary Nurse must have in order to be able to adequately support the Veterinarian in the treatment of Periodontal Disease.

This internship allowed the consolidation of theoretical and practical knowledge acquired during the 3 years of the Bachelor's degree and the acquisition of various skills in the area of Veterinary Nursing in a professional environment dedicated to animal health and well-being. Thus, it was possible to experience, in the various domains already mentioned, various functions and tasks in a technical and scientific area where Veterinary Nursing has effective recognition and, above all, seems to be a profession of the future and with a future, allowing the dignification of the Veterinary Medical act, always in favor of and in defense of animal welfare.

Keywords

Canids; Dentistry; Felines; Nursing; Periodontal Disease.

Índice geral

Agradecimentos.....	V
Resumo.....	VII
Abstract.....	IV
Índice geral.....	XI
Índice de figuras.....	XIV
Lista de tabelas.....	XVII
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	XX
1. Introdução.....	1
2. Descrição do Local de Estágio.....	2
2.1. Equipa.....	2
2.2. Instalações.....	2
3. Atividades Desenvolvidas.....	6
3.1. Acompanhamento de consultas.....	6
3.2. Exames Complementares de Diagnóstico.....	7
3.2.1. Imagiologia.....	8
3.2.2. Laboratório.....	8
3.3. Cirurgia.....	9
3.4. Recobro.....	11
4. Casuística.....	13
4.1. Espécies acompanhadas.....	13
4.2. Intervenções/ Casos clínicos acompanhados.....	14
4.3. Consultas.....	16
4.4. Exames Complementares de Diagnóstico.....	16
4.4.1. Laboratório.....	16
4.4.2. Imagiologia.....	17
4.5. Cirurgia.....	18
5. O Papel do Enfermeiro Veterinário na Doença Periodontal em Animais de Companhia.....	19
5.1. Introdução.....	19
5.2. Doença Periodontal.....	19
5.3. Anatomia Dentária.....	20

5.4. Radiografia Odontológica.....	22
5.5. Tratamento Periodontal.....	23
5.5.1. Raspagem Supragengival.....	24
5.5.2. Desbridamento Subgengival.....	24
5.5.3. Raspagem e alisamento	24
5.5.4. Polimento.....	25
5.5.5. Material Cirúrgico em Odontologia	25
5.5.6. Prevenção e cuidados pós-cirúrgicos.....	26
5.6. Casuística de animais acompanhados com Doença Periodontal	26
5.6.1. Caracterização dos animais observados consoante a espécie e o género	26
5.6.2. Relação entre a Doença Periodontal e a idade em canídeos	27
5.6.3. Relação entre a Doença Periodontal e a idade, em felídeos	28
5.6.4. Relação entre a doença periodontal e a raça em animais de companhia.....	28
6- Considerações finais	29
7. Referências bibliográficas	30

Índice de Figuras

Figura 1- Exterior do Edifício da CVPP	2
Figura 2- Recepção/ Sala de espera/ Petshop da CVPP	3
Figura 3- Um dos consultórios da CVPP.....	3
Figura 4- Sala de apoio ao recobro, fisioterapia e ecografia.....	3
Figura 5- Sala de imagiologia e odontologia.....	4
Figura 6- Sala de cirurgia da CVPP	4
Figura 7- Laboratório de análises clínicas da CVPP.....	4
Figura 8- Sala de recobro de felídeos da CVPP	5
Figura 9- Sala de recobro de canídeos da CVPP.....	5
Figura 10- Sala de recobro de animais com doenças infetocontagiosas da CVPP.....	5
Figura 11- Sala de recobro de animais com doenças infetocontagiosas da CVPP.....	5
Figura 12- Boxes exteriores para hotel da CVPP	6
Figura 13- Sala de esterilização da CVPP.....	6
Figura 14- Sala de grooming/ lavanderia/ arrumação da CVPP.....	6
Figura 15- Sala de reuniões da CVPP.....	6
Figura 16- Apoio nas consultas.....	7
Figura 17- Ecógrafo da CVPP	8
Figura 18- Aparelho de Raio-X da CVPP	8
Figura 19- Animal posicionado em decúbito lateral para realização de Raio-X abdominal	8
Figura 20- Teste uriscreen.....	9
Figura 21- Teste rápido de despiste de Dilofilaria, Ehrlichia, Anaplasma e Leishmania.....	9
Figura 22- Material para colheita de sangue.....	9
Figura 23- Tricotomia para cirurgia curativa de hérnia inguinal e dois quistos sebáceos, limpeza, colocação de elétrodos e pano de campo.....	10
Figura 24- Monitorização anestésica do animal.....	10
Figura 25- Apoio à cirurgia com a função de circulante	10

Figura 26- Canídeo no recobro da CVPP.....	11
Figura 27- Recobro de felídeos na CVPP.....	11
Figura 28- Exame físico e colocação de cateter na sala de apoio ao recobro	12
Figura 29- Felídeos com sonda esofágica para administração de alimento	12
Figura 30- Canídeo no recobro com manta e tapete de aquecimento.....	12
Figura 31- Controlo da pressão arterial	13
Figura 32- Material para colocação de penso com tala	13
Figura 33- Administração de fármacos via intravenosa a um canídeo com doença infetocontagiosa.....	13
Figura 34- Número total de animais acompanhados, durante o período de estágio por espécie animal e por género(n=390)	13
Figura 35- Intervenções/ casos clínicos acompanhados, por área de intervenção (n=726)	14
Figura 36- Número de felídeos acompanhados, durante o período de estágio, por raça (n=140)	15
Figura 37- Número de canídeos, por raça, acompanhados durante o período de estágio (n=250).....	15
Figura 38- Consultas acompanhadas no decorrer do estágio curricular, por tipo de consulta (n=94).....	16
Figura 39- Análises realizadas no laboratório, durante o período de estágio por espécie animal (n=209)	17
Figura 40- Testes Snap Pro, realizados no laboratório da CVPP durante o período de estágio (n=57)	17
Figura 41- Métodos de imagiologia apoiados e realizados, durante o período de estágio, por espécie animal (n=101)	18
Figura 42- Cirurgias acompanhadas, durante o período de estágio por espécie animal (n=83)	18
Figura 43- Doença Periodontal severa em canídeo	20
Figura 44- Doença Periodontal e gengivite em felídeo	20
Figura 45- Crânio de um canídeo com dentição permanente (Adaptado de Perrone, 2013)	21
Figura 46- Crânio de um felídeo com dentição permanente (Adaptado de Perrone, 2013)	21

Figura 47- Estruturas dentárias (Adaptado de Perrone, 2013).....	22
Figura 48- Equipamento radiográfico odontológico.....	23
Figura 49- Exemplo de uma imagem radiográfica de um dente molar com abcesso.....	23
Figura 50- Destartarização de um canídeo.....	23
Figura 51- Escovas e pastas individuais.....	25
Figura 52- Polimento dentário em felídeo	25
Figura 53- Material de cirurgia odontológica	26
Figura 54- Unidade odontológica com mesa elevadora	26
Figura 55- Número de animais observados durante o período de estágio, de acordo com a espécie animal e género com Doença Periodontal (n=25)	27
Figura 56- Número dos canídeos observados com Doença Periodontal, durante o período de estágio, por idade (n=11)	27
Figura 57- Número de felídeos observados com Doença Periodontal, durante o período de estágio, por idade (n=14).....	28
Figura 58- Número de animais acompanhados, durante o período de estágio, que sofriam de Doença Periodontal, por raça (n=25)	28

Lista de tabelas

Tabela 1- Dentição decídua de um canídeo (Perrone 2013).....	20
Tabela 2- Dentição permanente de um canídeo (Perrone, 2013).....	20
Tabela 3- Dentição decídua de um felídeo (Perrone, 2013).....	21
Tabela 4- Dentição permanente de um felídeo (Perrone, 2013).....	21

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AV- Auxiliar Veterinária

C- Caninos

CVPP- Clínica Veterinária Patas e Pelos

DP- Doença Periodontal

EDTA- Ethylenediaminetetraacetic Acid

EV- Enfermeiro Veterinário

FeLV- Vírus da leucemia felina

FIV- Vírus da imunodeficiência felina

I- Incisivos

MV- Médico Veterinário

M-Molares

PM- Pré-Molares

1. Introdução

A Enfermagem Veterinária desempenha um papel cada vez mais importante, no funcionamento de Clínicas e Hospitais Veterinários encontrando-se em constante evolução.

O Enfermeiro Veterinário deve ter a capacidade para exercer diversas funções em clínica, nomeadamente prestar apoio aos tutores, esclarecendo dúvidas de forma clara, auxiliar em procedimentos médicos e cirúrgicos, preparando os equipamentos necessários, assegurar a contenção, pacientes, realizar tratamentos de rotina prescritos pelo Médico Veterinário, executar testes de diagnóstico e recolha de amostras, cuidar da higiene, alimentação e conforto do animal, para além de atualizar constantemente os registos detalhados dos tratamentos e monitorização dos pacientes. Para além disto, deve conseguir lidar com situações de urgência, que requerem intervenções rápidas e eficientes para preservar a vida de cada animal.

O presente relatório visa descrever e analisar as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular, essencial para a formação prática e o desenvolvimento de novos conhecimentos e competências técnicas exigidas na profissão. O estágio foi realizado na Clínica Veterinária Patas e Pelos (CVPP) durante o período de 16 de outubro de 2023 a 1 de fevereiro de 2024, com um total de 624 horas, para conclusão da Licenciatura em Enfermagem Veterinária na Escola Superior Agrária de Castelo Branco.

Assim, aborda-se, em primeiro lugar, a descrição do local de estágio, seguido da descrição das atividades realizadas, a casuística que permite a análise dos casos clínicos ou cirúrgicos acompanhados ao longo do estágio e, por último, a abordagem do tema relativo ao papel desempenhado pelo Enfermeiro Veterinário em Animais de Companhia com Doença Periodontal.

2. Descrição do Local de Estágio

O estágio curricular foi realizado na Clínica Veterinária Patas e Pelos (CVPP) (Figura 1), que se encontra localizada na vila da Quinta do Conde, Avenida de Negreiros, no concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal. Possui um horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, com horário das 10:00 às 20:00 horas e aos sábados das 09:00 às 13:00 horas. Apesar de não estar aberta 24 horas por dia, tem disponível uma linha telefónica para urgências.



Figura 1- Exterior do Edifício da CVPP

2.1. Equipa Profissional

A CVPP inaugurada em 2010, é composta por quatro Médicas Veterinárias (MV), quatro Enfermeiras Veterinárias (EV), uma Auxiliar Veterinária (AV) e duas Rececionistas.

2.2. Instalações

O espaço da CVPP é composto por 2 pisos, o rés-do-chão, destinado ao atendimento ao público e o piso -1, onde se encontra a área técnica (interdita ao público); na área exterior existem ainda 3 boxes e uma garagem com 2 pisos.

Na entrada do rés-do-chão está situada uma receção, composta por um balcão de atendimento e uma sala de espera; nesta existem vários produtos para venda, incluindo rações, biscoitos, suplementos, brinquedos e trelas (Figura 2). Ao lado da receção, encontra-se uma arrecadação, onde é colocado o *stock* de rações e encomendas que chegam diariamente.

Ainda neste piso encontram-se três consultórios destinados às consultas, equipados com uma mesa de observação, armários identificados por categoria de fármacos e diverso

material de apoio, uma balança, um frigorífico destinado às vacinas e ainda um lavatório de apoio (Figura 3). Também, neste piso existe um consultório de enfermagem, com o mesmo equipamento dos três consultórios, servindo também de local de armazenamento de material farmacêutico, equipado com um frigorífico para acondicionamento de vacinas e outros fármacos, para além de duas casas de banho reservadas à utilização dos clientes.



Figura 2- Recepção/ Sala de espera/ Petshop da CVPP



Figura 3- Um dos consultórios da CVPP

No piso inferior do edifício o acesso é exclusivamente destinado à equipa técnica. Este é composto por:

-Sala de apoio ao recobro, fisioterapia e ecografia (Figura 4);



Figura 4- Sala de apoio ao recobro, fisioterapia e ecografia da CVPP

- Sala de imagiologia, destinada ao Raio-X e à preparação cirúrgica, para além de estar equipada com uma estação dentária de última geração e possuir Raio-X dentário. Também

funciona como sala de cirurgia para pequenas intervenções cirúrgicas como, por exemplo, pequenas lacerações (Figura 5).

-Bloco operatório, equipado com equipamentos de última geração, nomeadamente, para monitorização anestésica: medição de temperatura corporal, oximetria, pressão arterial e eletrocardiograma (Figura 6).

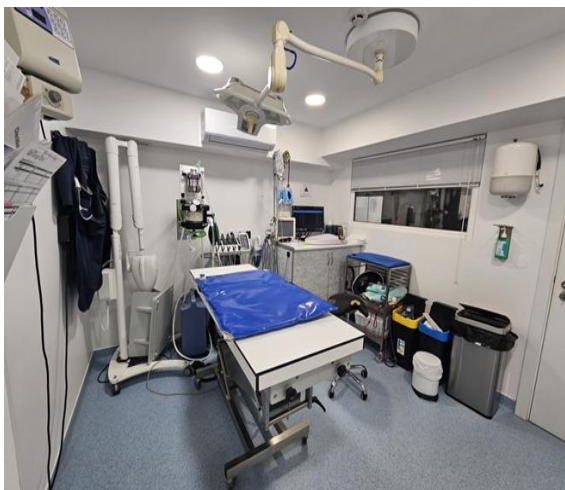


Figura 5- Sala de imagiologia e odontologia da CVPP



Figura 6- Sala de cirurgia da CVPP

-Laboratório de análises clínicas, equipado com microscópio ótico, centrífuga, frigorífico, equipamentos de hematologia, bioquímica sérica, testes SNAP para pesquisa de: *Dirofilariose*, *Anaplasmosse*, *Ehrlichiose*, *Doença de Lyme*, *Leishmaniose*, *Leptospirose*, *Imunodeficiência Felina* e *Leucemia Felina (FIV/FeLV)*, *felino proBNP*, *Parvovirose*, *Giardiase*, *Lipase Pancreática canina e felina*. Para além destas, ainda são realizadas outras análises como: citologias, raspagens para pesquisa de ácaros, urianálise e coprologia. As restantes análises são enviadas para laboratórios de referência, de forma a poder obter a maioria dos resultados em menos de 24 horas (Figura 7).



Figura 7- Laboratório de análises clínicas da CVPP

-Sala de recobro está dividida em:

- Secção dos felídeos que apresenta 8 jaulas (Figura 8);
- Secção dos canídeos com 7 jaulas (Figura 9);
- Secção dos animais com doenças infetocontagiosas com 5 jaulas e equipada com uma banheira (Figura 10 e 11).

Cada secção apresenta um armário com material de apoio para os respetivos animais.



Figura 8- Sala de recobro de felídeos da CVPP



Figura 9- Sala de recobro de canídeos da CVPP



Figura 10- Sala de recobro de animais com doenças infetocontagiosas da CVPP



Figura 11- Sala de recobro de animais com doenças infetocontagiosas da CVPP

-Ainda neste piso existe uma sala de convívio com uma copa e balneário, estando exclusivamente reservada para a equipa Veterinária.

-Na área exterior da clínica, encontram-se 3 boxes para hotel e uma zona de secagem de roupa (Figura 12). Por último, na garagem, existe uma sala destinada a reuniões, outra sala de esterilização de material cirúrgico e outra sala com máquina de lavar a roupa, banheira, mesa de tosquia e uma arca congeladora (Figuras 13, 14 e 15).



Figura 12- Boxes exteriores para hotel da CVPP



Figura 13- Sala de esterilização da CVPP

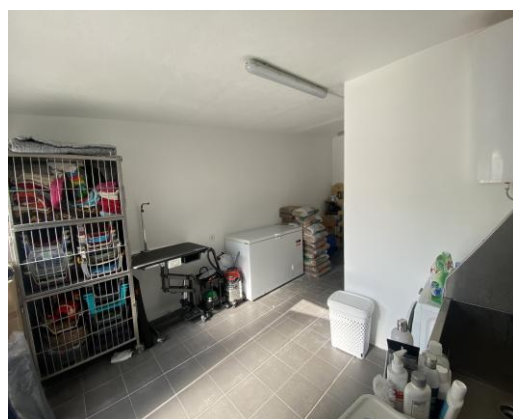


Figura 14- Sala de grooming/ lavandaria/ arrumação da CVPP



Figura 15- Sala de reuniões da CVPP

3. Atividades Desenvolvidas

As atividades realizadas, ao longo do estágio curricular permitiram adquirir competências na área da Enfermagem Veterinária, sendo possível, com o auxílio e supervisão das MV's e EV's, consolidar conhecimentos e realizar alguns procedimentos de forma autónoma.

3.1. Acompanhamento de consultas

Durante o período de estágio, no acompanhamento de consultas de medicina interna e preventiva, procedia-se à pesagem, anamnese, realização do exame físico, contenção do animal, preparação e administração de fármacos, nomeadamente vacinas e desparasitantes, aplicação de identificadores eletrónicos, colocação de cateteres intravenosos para colheita de sangue para análises, limpeza de ouvidos e corte de unhas

(Figura 16). Nas consultas de enfermagem foi possível auxiliar na avaliação das altas cirúrgicas, na avaliação dos animais no pós-cirúrgico onde era avaliada a condição corporal do animal assim como a sutura, realizando a remoção de pontos ou agrafos, limpeza de feridas e colocação de pensos. Muitas das consultas de enfermagem também eram destinadas a animais que necessitavam regularmente de administração de soro subcutâneo.

No caso de consultas de urgência era a EV que dava entrada do animal para o consultório de enfermagem para proceder à triagem e à sua estabilização, para depois ser observado pela MV de serviço.

Para as consultas ao domicílio procedia-se à verificação no sistema informático da clínica, do histórico do animal, para poder levar todo o material necessário. Era organizada uma mala térmica com vacinas, desparasitantes, e material tal como trela, açaima, colar isabelino e toalha para auxiliar na contenção do animal.



Figura 16- Apoio nas consultas

3.2. Exames Complementares de Diagnóstico

Relativamente aos exames complementares de diagnóstico, foi possível prestar auxílio na contenção e execução de alguns exames, como: radiografia simples, radiografia dentária, ecografia, ecocardiografia, análises sanguíneas, cistocentese ecoguiada, teste de fluoresceína, medição de glicémia e urianálise.

3.2.1. Imagiologia

Nas ecografias e ecocardiografias era realizada a tricotomia do local a ser observado e procedia-se à contenção em decúbito dorsal e lateral esquerdo ou direito, sendo que em animais agitados era necessário realizar sedação (Figura 17).

No caso da radiologia, inseriam-se os dados do animal no computador e eram selecionados as constantes e a dimensão, realizava-se a contenção e posicionamento do animal na mesa, recorrendo sempre ao equipamento de proteção (avental e protetor da tiroide de chumbo) (Figura 18 e 19). Depois de utilizados, estes materiais eram limpos e devidamente pendurados para não haver danos.



Figura 17- Ecógrafo da CVPP



Figura 18- Aparelho de Raio-X da CVPP

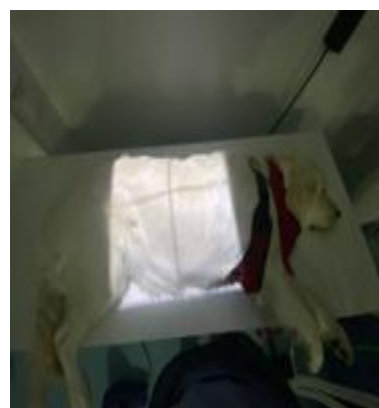


Figura 19- Animal posicionado em decúbito lateral para realização de Raio-X abdominal

3.2.2. Laboratório

No laboratório da CVPP eram realizadas análises hematológicas, bioquímica sérica, análises endócrinas, ionogramas, análises à urina (urina tipo 2, *uriscreen*) (Figura 20), testes rápidos (Figura 21), para além de também se observarem raspagens de pele para pesquisa e observação de ácaros ao microscópio.

Na colheita e transporte das amostras para laboratório (Figura 22), tinha-se em consideração que, para hemograma, se utilizavam tubos de EDTA e para a bioquímica sérica, ionograma e análises endócrinas, utilizavam-se tubos com heparina. Era utilizado um tubo seco para as amostras que se pretendia centrifugar para obter apenas o soro. As amostras eram sempre homogeneizadas suavemente depois da colheita e identificadas com o nome e número do animal e, de seguida, recolhiam-se os dados do animal do sistema informático para identificar, também, com o nome e apelido do tutor, idade, sexo, assim como o nome da MV que o acompanhava. Todos os resultados das análises eram anexados à ficha do animal no sistema informático.

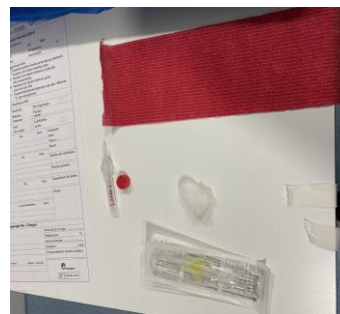
Figura 20- Teste *uriscreeen*Figura 21- Teste rápido de despiste de *Dirofilaria*, *Ehrlichia*, *Anaplasma* e *Leishmania*

Figura 22- Material para colheita de sangue

Em relação às análises mais específicas, como as citologias, os exames histopatológicos e de urianálise, as amostras eram enviadas para um laboratório externo, sendo devidamente acondicionadas e identificadas com os requisitos que o laboratório exigia.

3.3. Cirurgia

Sempre que havia uma cirurgia, no dia anterior, preparava-se o material e a ficha do animal com os seus dados, termo de responsabilidade assinado pelo tutor e os resultados das análises.

Habitualmente, a EV de serviço de apoio à cirurgia tinha a responsabilidade de ligar, logo de manhã, o condensador de oxigénio, monitor multiparamétrico e o equipamento de anestesia volátil, tendo também que confirmar se não existiam fugas no equipamento de ventilação. Era também preparada a mesa cirúrgica, colocando o *vetbed* com tapete de aquecimento e, por cima, dois resguardos. Na bancada eram colocadas luvas esterilizadas, pano de campo, pano para mesa de *Mayo*, kits com material cirúrgico devidamente esterilizados, fios de sutura, lâminas e bisturi.

A partir das 09h15, era feita a receção dos animais que seriam submetidos a procedimento cirúrgico, fazendo-se o *check-in* e confirmando todos os dados do animal e tutor.

No pré-operatório era realizado o exame físico, era feita nova pesagem ao animal e, logo de seguida, procedia-se à contenção e colocação de cateter intravenoso. Os animais sujeitos a procedimentos cirúrgicos, faziam as análises pré-cirúrgicas dias antes; nos casos em que tal não era possível, era realizada a colheita de sangue para um perfil de hemograma completo e bioquímica sérica antes do animal entrar no bloco operatório. Posteriormente a tudo isto, era preparada a pré-anestesia por indicação da MV, colocando o animal a fluidoterapia e realizando uma ampla tricotomia e uma pré-lavagem com clorhexidina de modo a remover a sujidade e matéria orgânica do local da incisão.

No bloco operatório, posicionava-se o animal na mesa cirúrgica, era colocado o tubo endotraqueal e conectava-se o animal ao sistema de ventilação; de seguida, era imobilizado pelos membros e conectava-se o animal ao monitor múltiparamétrico, através de elétrodos, pulsoxímetro, medidor de pressão arterial e sensor de temperatura corporal.

Antes de colocar os panos cirúrgicos, procedia-se à antissepsia, utilizando clorohexidina a 2% com concentração alcoólica e compressas, realizando movimentos lineares ou circulares desde o local da incisão até às margens da tricotomia (Figura 23).



Figura 23- Tricotomia para cirurgia de hérnia inguinal e dois quistos sebáceos, limpeza, colocação de elétrodos e pano de campo

De seguida, abriam-se as embalagens do material esterilizado necessário para a cirurgia e colocava-se na mesa de Mayo. No decorrer da cirurgia, monitorizava-se o animal através do monitor multiparamétrico, para além de observar regularmente o reflexo palpebral e o posicionamento do globo ocular para determinar-se o plano anestésico em que o animal se encontrava (Figuras 24 e 25).



Figura 24- Monitorização anestésica do animal



Figura 25- Apoio à cirurgia com a função de circulante

No pós-operatório, procedia-se à limpeza com soro fisiológico no local da sutura e, em zonas contínuas à sutura, era utilizada água oxigenada, colocando, de seguida, *spray* de prata no local da mesma. Em alguns casos eram realizados pensos, administrando imediatamente o antibiótico e anti-inflamatório por via subcutânea. Era colocado o colar isabelino ou fato cirúrgico, dependendo da escolha do tutor.

O animal só ia para o recobro quando apresentasse reflexo palpebral, era retirado o tubo endotraqueal, quando apresentasse reflexo laríngeo e de seguida media-se a temperatura retal.

Depois das cirurgias, preparavam-se as altas cirúrgicas, onde se colocava a medicação em embalagens separadas e identificadas com o nome do fármaco, a quantidade, os dias e horas em que o tutor deveria administrá-lo. Antes da alta, era retirado o cateter intravenoso, utilizando álcool para ajudar a remover o adesivo e uma compressa com *vetrap* para colocar após retirar o cateter.

3.4. Recobro

No recobro estava sempre presente uma EV durante o dia para assegurar os cuidados necessários a cada animal. Ao longo do dia existiam três monitorizações com a MV responsável nesse dia, e na segunda monitorização as MV e EV reuniam para proceder à discussão de cada caso e aferir os respetivos cuidados a adotar.

De manhã, a AV e a EV asseguravam a arrumação, reposição de material, higienização das boxes e o fornecimento de água e alimento. Sempre que um animal era internado era colocado um *vetbed* (cama higiénica e hipoalérgica permitindo a retenção das fezes e da urina); que tem a vantagem de ser de fácil utilização por não derrapar e por ser de fácil lavagem, por cima, era colocado um resguardo superabsorvente, comedouro e bebedouro; no caso dos felinos, era ainda colocada uma caixa de areia (Figuras 27 e 28).



Figura 26- Canídeo no recobro da CVPP



Figura 27- Recobro de felídeos na CVPP

Depois do recobro estar organizado, os animais eram retirados das boxes e levados para a sala de monitorização de internados, onde era realizado o exame físico completo: medição da temperatura retal, palpação abdominal e ganglionar, observação do tempo de repleção capilar, da cor das mucosas, do grau de desidratação, do estado mental, da presença de dor, observação do tipo de fezes e presença de vômitos, sendo que, por vezes, eram repetidas as análises sanguíneas, Raio-X ou ecografias, todos estes parâmetros e resultados eram registrados no programa informático da clínica.

No recobro, assegurava-se a administração dos medicamentos prescritos pela MV (via oral, subcutânea, intramuscular ou intravenosa), controlavam-se as taxas de manutenção de fluidoterapia, colocavam-se e retiravam-se os cateteres intravenosos, realizavam-se as colheitas de sangue para análises laboratoriais e preparava-se a alimentação consoante o estado físico do animal (Figura 28). Para além disto, existiam casos em que era necessária a aplicação de sonda esofágica, alimentando os animais com alimentos líquidos através de uma seringa (Figura 29), também era feita a medição da temperatura corporal em animais com hipotermia que eram colocados em tapetes de aquecimento e mantas a cobri-los (Figura 30), sendo que, em animais em estado crítico, procedia-se à monitorização ao longo do dia. No recobro também era realizada a medição de glicémia e pressão arterial (Figura 31), bem como era feita a assepsia de feridas e realizados pensos (Figura 32).

Em animais com doenças infetocontagiosas, estes eram direcionados de imediato para uma jaula na secção infetocontagiosa, e apenas uma EV e MV faziam a sua monitorização, de forma a evitar contágio. Nesta ala, todo o material que era utilizado era descartável ou esterilizado, era obrigatório o uso de bata cirúrgica, máscara, touca e calçado descartável (Figura 33). Após a saída do animal, todas as zonas com as quais o animal esteve em contacto eram devidamente limpas e desinfetadas.



Figura 28- Animal na sala de apoio para ser realizado o exame físico



Figura 29- Felídeos com sonda esofágica para administração de alimento



Figura 30- Canídeo no recobro com manta e tapete de aquecimento

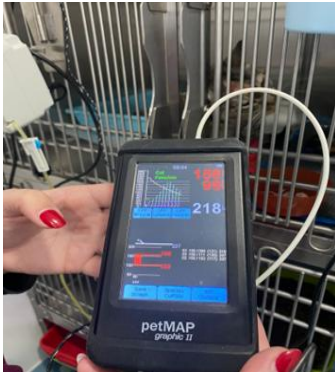


Figura 31- Equipamento utilizado para controlo da pressão arterial



Figura 32- Material para colocação de penso com tala

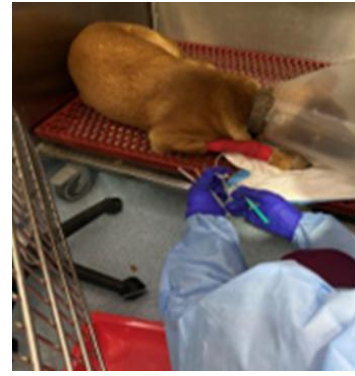


Figura 33- Administração de fármacos via intravenosa a um canídeo com doença infetocontagiosa

4. Casuística

4.1. Espécies acompanhadas

Ao longo do estágio curricular, foi possível acompanhar e prestar cuidados a um total de 390 animais de companhia, 250 canídeos e 140 felídeos (Figura 34).

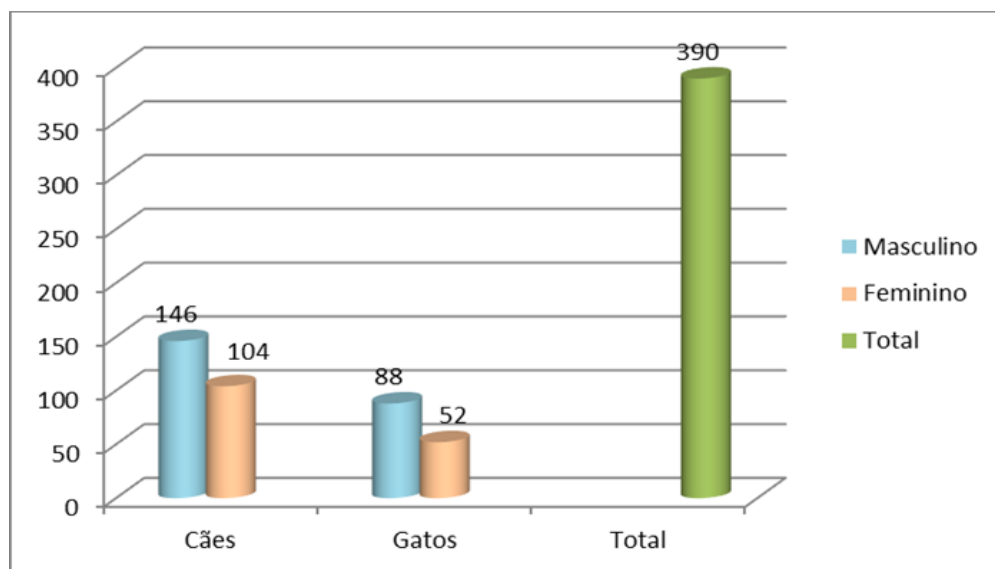


Figura 34- Número total de animais acompanhados, durante o período de estágio por espécie animal e por género(n=390)

4.2. Intervenções/ Casos clínicos acompanhados

No decorrer do estágio, é de realçar a realização de exames complementares de diagnóstico, a 367 animais (Figura 35). Registaram-se 86 internamentos devido a diversas patologias clínicas e 53 intervenções de profilaxia, incluindo vacinações, desparasitações e identificação eletrónica.

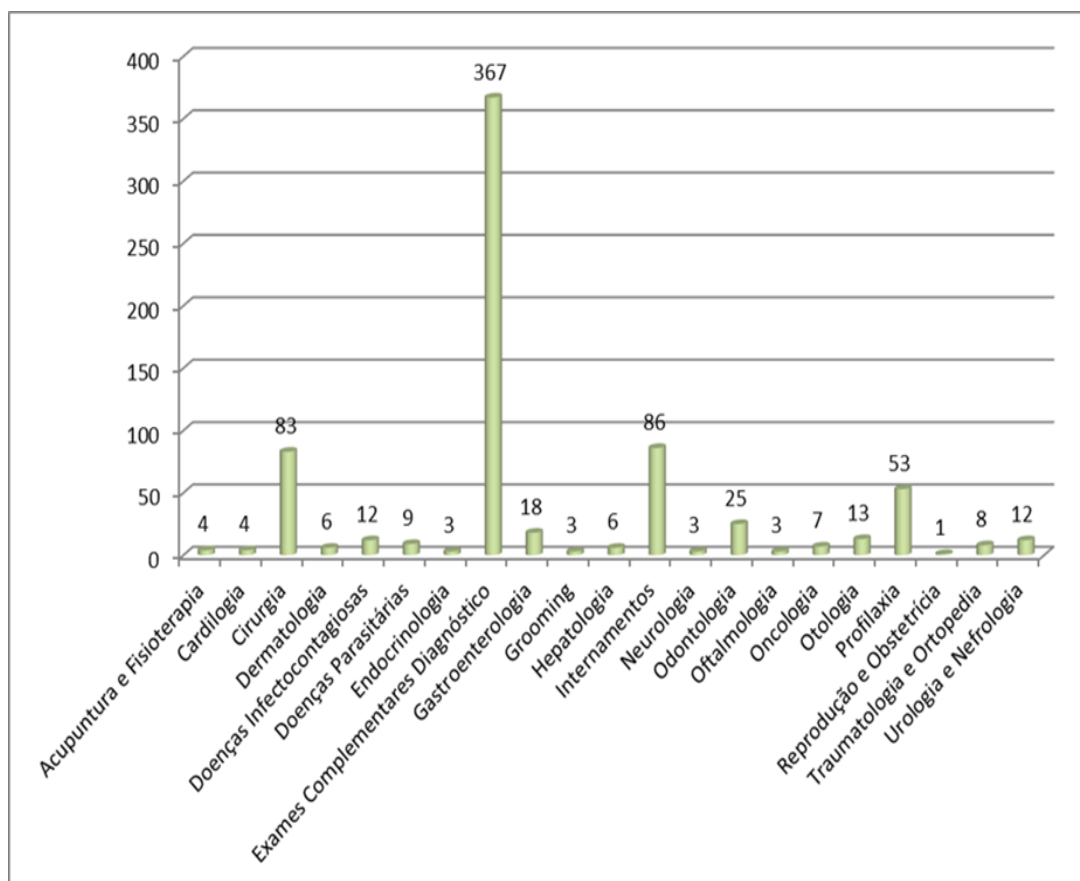


Figura 35- Intervenções/ casos clínicos acompanhados, por área de intervenção (n=726)

As raças de felídeos acompanhados com mais incidência foram o Europeu Comum com um total de 104 animais, seguidos do Britânico, *Sphynx*, Persa e Bosque da Noruega (Figura 36).

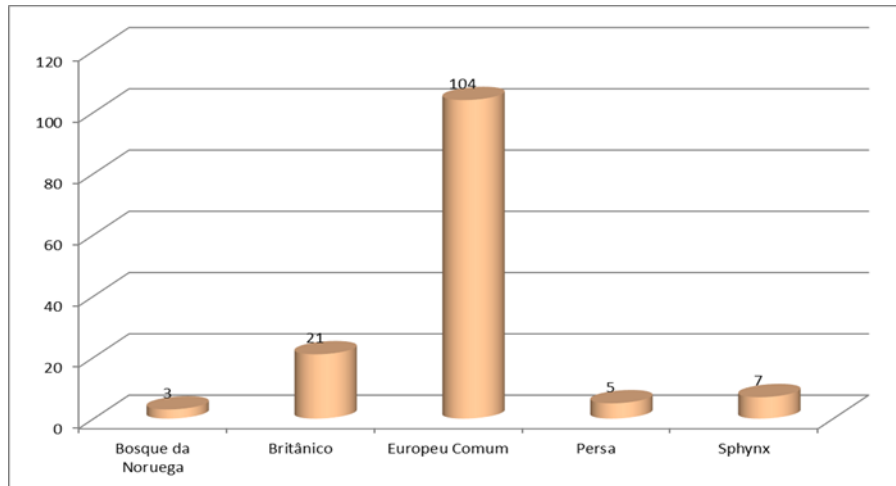


Figura 36- Número de felídeos acompanhados, durante o período de estágio, por raça (n=140)

Na Figura 37, pode observar-se uma predominância de canídeos sem raça definida (SRD) com um total de 76; das raças mais observadas destacam-se o *Bulldog Francês*, o Rafeiro Alentejano, o *Yorkshire Terrier*, o *Labrador Retriever*, o *Chihuahua*, o *Golden Retriever* e o *Pastor Alemão*, entre outras raças menos frequentes.

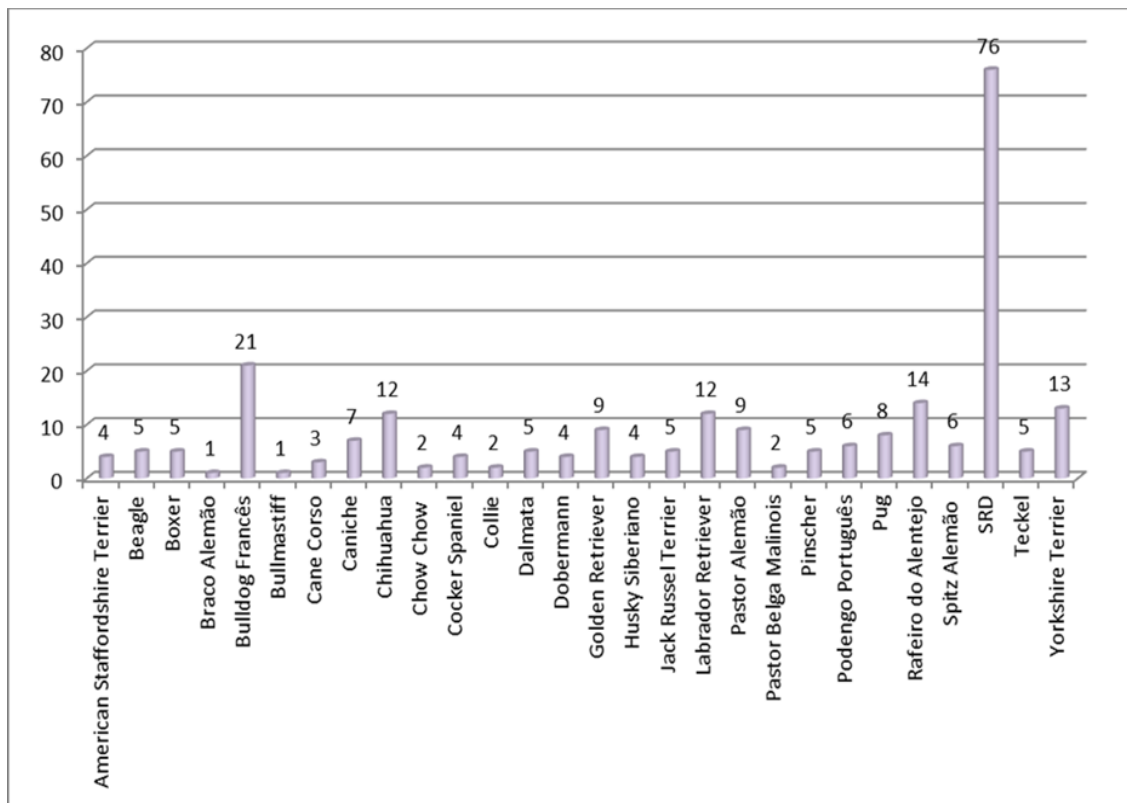


Figura 37- Número de canídeos, por raça, acompanhados durante o período de estágio (n=250)

Ao longo do estágio foi ainda possível acompanhar vários tipos de consultas na CVPP, tendo auxiliado as MV's em consultas de profilaxia, exame geral do animal, contenção, diagnóstico de patologias e recolha de amostras para análises. Relativamente às consultas de EV eram efetuadas as altas-cirúrgicas, assepsia e remoção de pontos de suturas, bem como a avaliação corporal, corte de unhas, limpeza de ouvidos e de qualquer ferida aberta, para além da realização de pensos e administração de fluidos por via subcutânea.

No que concerne às consultas ao domicílio, estas eram menos frequentes, e foram todas realizadas no âmbito da profilaxia (Figura 38).

4.3. Consultas

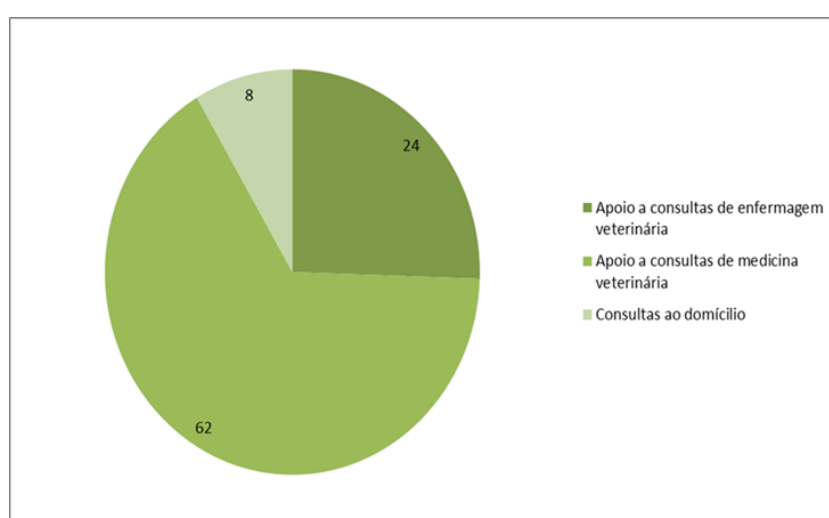


Figura 38- Consultas acompanhadas no decorrer do estágio curricular, por tipo de consulta (n=94)

4.4. Exames Complementares de Diagnóstico

4.4.1. Laboratório

Na Figura 39, estão listadas as várias análises realizadas em laboratório durante o período de estágio, num total de 266 análises; as análises bioquímicas foram as mais realizadas, um total de 83, seguidas dos hemogramas, com 79. Na Figura 40, pode-se observar os testes rápidos realizados no *Snap Pro*, sendo que o teste mais efetuado foi o Combo Plus FeLV/FIV com um total de 27 análises e o teste da *Leishmania* com 14 testes realizados. Estes são os testes mais realizados por haver uma maior incidência destas patologias na região onde se encontra a CVPP.

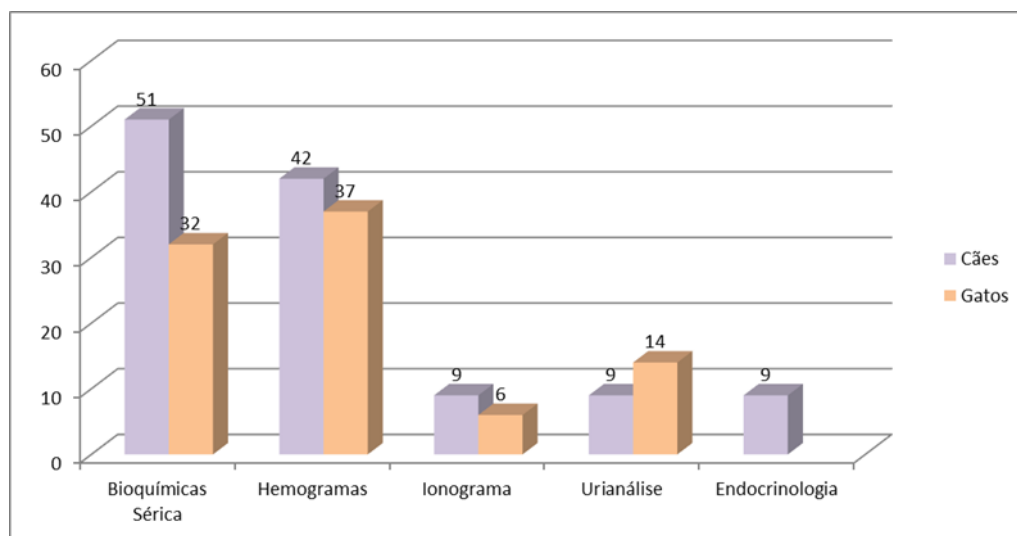


Figura 39- Análises realizadas no laboratório, durante o período de estágio por espécie animal (n=209)

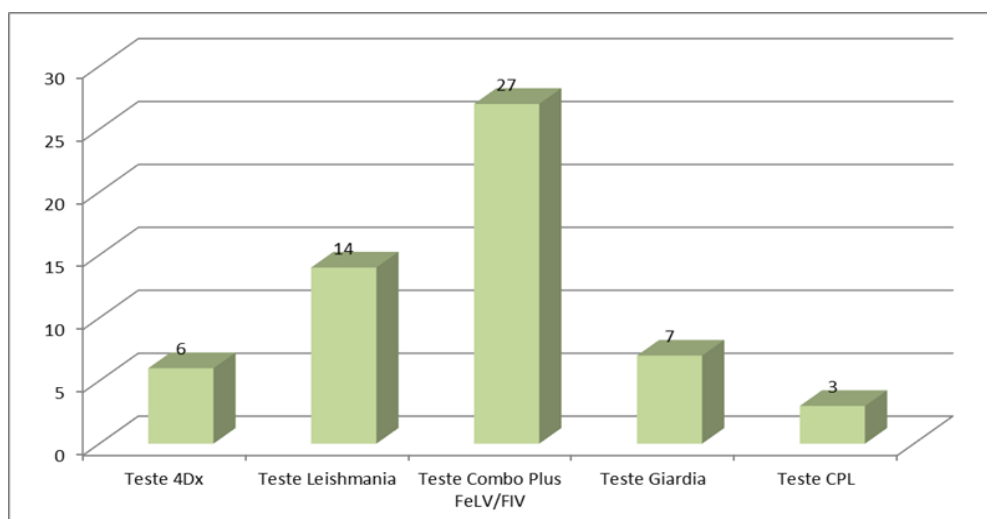


Figura 40- Testes *Snap Pro*, realizados no laboratório, da CVPP durante o período de estágio (n=57)

4.4.2. Imagiologia

Na Figura 41, pode-se observar que durante o período de estágio, foram realizadas 48 radiografias simples, sendo este o meio de diagnóstico de imagiologia mais utilizado, em seguida, foram realizadas 36 ecografias e 17 radiografias dentárias. Para as EV, esta é sem dúvida uma das áreas mais importantes, apoiando as MV's nas avançadas tecnologias de diagnóstico e intervenção, permitindo, desde logo, captar uma boa imagem com um bom posicionamento do animal.

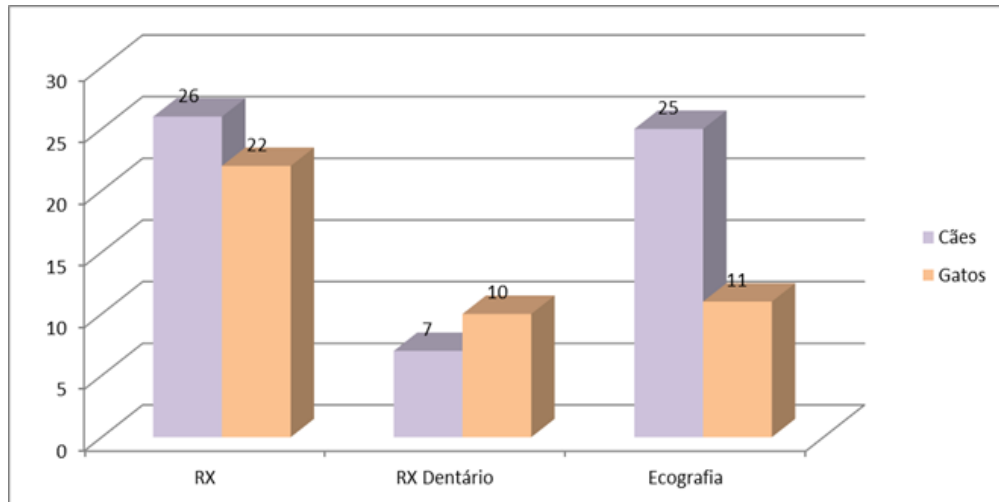


Figura 41- Métodos de imagiologia apoiados e realizados, durante o período de estágio, por espécie animal (n=101)

4.5. Cirurgia

Em relação às cirurgias, foram acompanhadas durante o período de estágio, 83 intervenções, destacando as Cirurgias de Odontologia (25), Ovariohisterectomia (23) e Orquiectomias (14). As restantes cirurgias surgiram em menor frequência (Figura 42).

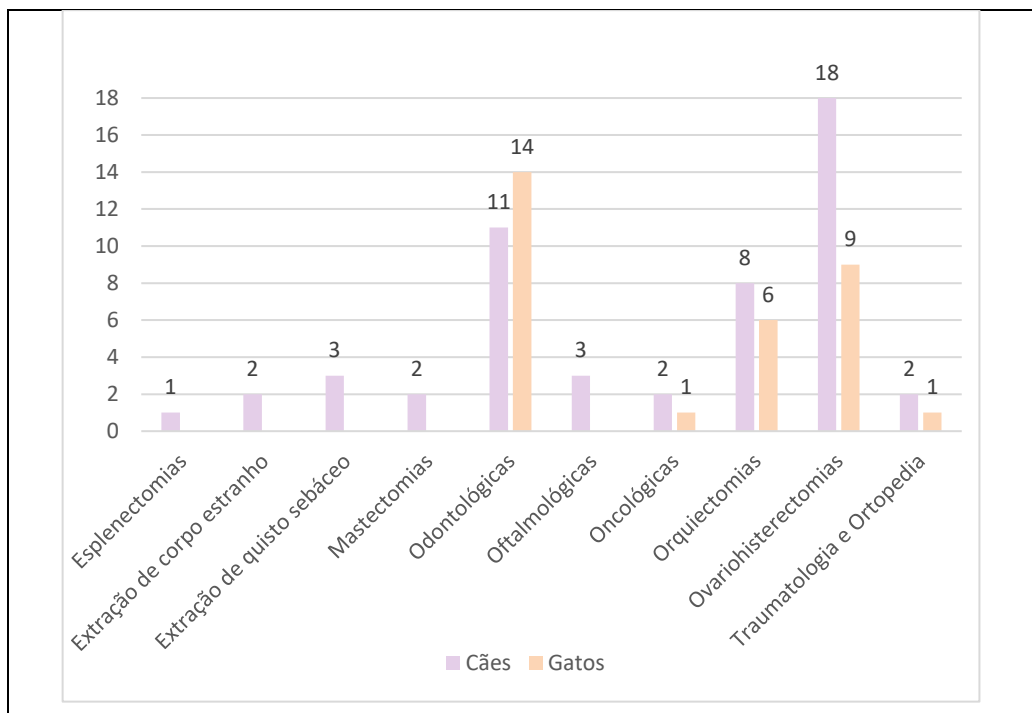


Figura 42- Cirurgias acompanhadas, durante o período de estágio por espécie animal (n=83)

5. O Papel do Enfermeiro Veterinário na Doença Periodontal em Animais de Companhia

A doença periodontal (DP) é uma doença com uma elevada incidência nos animais de companhia, pelo que o EV tem um papel fundamental em todo o trabalho de acompanhamento dos cuidados e tratamentos nesta área.

5.1. Introdução

Com o aumento da longevidade dos animais de companhia, cresce a atenção e preocupação para a saúde oral, visto que doenças odontológicas podem afetar a saúde geral de cada animal (Moore e Rudd, 2008).

De acordo com Kyllar e Witter (2005), a infeção oral mais comum em cães e gatos é a Doença Periodontal (DP).

A saúde oral veterinária deve ser um objetivo de equipa, para o MV cirurgião, para o EV e para o tutor. O EV desempenha, desde logo, um papel importante na odontologia em animais de companhia; não está autorizado a realizar extrações dentárias, no entanto, deve ser capaz de realizar um exame oral completo, registar na ficha de cada animal possíveis anomalias orais de maneira a facilitar o trabalho do MV, fazer radiografias odontológicas intraorais, realizar terapia periodontal (destartarização e lavagem oral), para além da importância que o EV tem na comunicação com o tutor, ensinando-o a fazer uma higiene oral adequada diária para poder, assim, prevenir a evolução da doença (Moore e Rudd, 2008).

5.2. Doença Periodontal

A DP define-se como a inflamação causada por bactérias que afeta os tecidos periodontais (Perrone, 2013). É uma das doenças mais observadas em animais de companhia, já que cerca de 85% dos canídeos e felídeos com idade superior a 3 anos de idade pode ter sinais de DP (Cooper *et al.*, 2011).

O principal fator etiológico é a placa bacteriana (Gorrel, 2004). Desde o momento em que os dentes entram em erupção, a placa começa a acumular-se na superfície do dente, formando um cálculo dentário que é composto por bactérias, células mortas, partículas de alimentos e saliva. Inicialmente, as bactérias aeróbias Gram-positivas colonizam a superfície dos dentes, criando condições ideais para que as bactérias anaeróbias Gram-negativas produzam toxinas que mais tarde causam inflamação às gengivas e mucosa oral, resultando em danos às estruturas de suporte dos dentes. No entanto, a sua etiologia é multifatorial, podendo incluir fatores microbiológicos, comportamentais, sistémicos e genéticos (Cooper *et al.*, 2011).

Os sinais clínicos comuns da DP são halitose, inflamação gengival, salivação excessiva, bolsas periodontais, secreções purulentas, fístulas e cálculos dentários, podendo o paciente apresentar desconforto ao ser tocado exteriormente e ao mastigar alimentos, originando falta de apetite, perda de peso e desidratação (Perrone, 2013) (Figuras 43 e 44).



Figura 43- Doença Periodontal severa em canídeo



Figura 44- Doença Periodontal e gengivite em felídeo

5.3. Anatomia Dentária

O conhecimento anatômico da cavidade oral por parte do EV é muito importante para este ser capaz de identificar e diferenciar patologias que possam ocorrer na cavidade oral (Moore e Rudd, 2008). A fórmula dentária é a quantidade e os tipos de dentes que se espera encontrar na cavidade oral do animal, cada espécie possui uma fórmula dentária única (Figuras 45 e 46). A maioria dos animais de companhia tem dois conjuntos de dentes durante a vida: dentes decíduos (Tabela 1 e 3) e permanentes (Tabela 2 e 4). Os canídeos e felídeos possuem quatro tipos de dentes, cada um com funções específicas para a alimentação e mastigação (Perrone, 2013).

Tabela 1- Dentição decídua de um canídeo (Perrone 2013)

	I	C	PM	M	
2X	3	1	3	0	=28
	3	1	3	0	

Tabela 2- Dentição permanente de um canídeo (Perrone, 2013)

	I	C	PM	M	
2X	3	1	3	2	=42
	3	1	3	3	

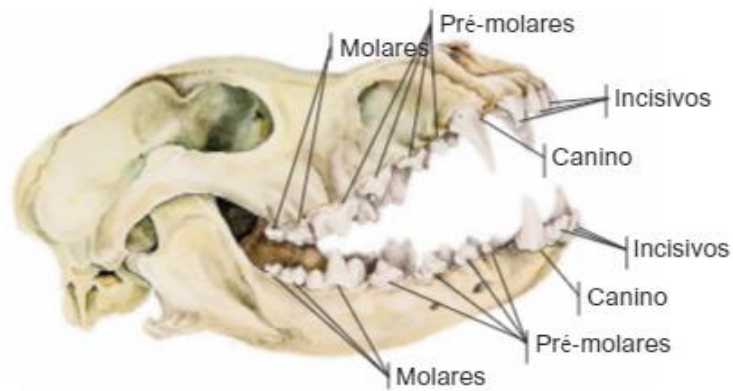


Figura 45- Crânio de um canídeo com dentição permanente (Adaptado de Perrone, 2013)

Tabela 3- Dentição decídua de um felídeo (Perrone, 2013)

	I	C	PM	M	
2X	3	1	3	0	=26
	3	1	2	0	

Tabela 4- Dentição permanente de um felídeo (Perrone, 2013)

	I	C	PM	M	
2X	3	1	3	1	=30
	3	1	2	1	

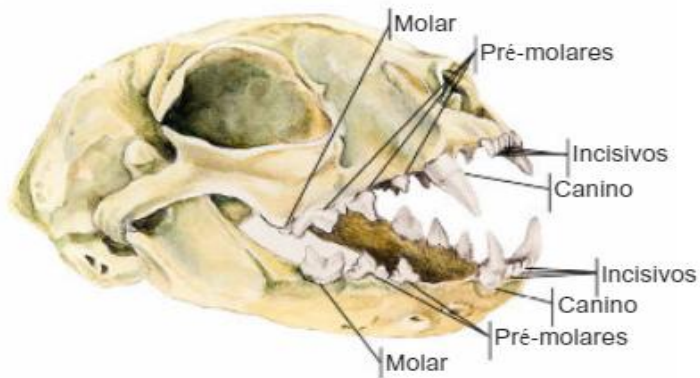


Figura 46- Crânio de um felídeo com dentição permanente (Adaptado de Perrone, 2013)

Cada dente, independentemente da sua forma ou função, possui os mesmos elementos. Como é possível observar na figura 47, as principais estruturas dentárias incluem a coroa, esmalte, cemento, dentina, polpa, raiz e ligamentos periodontais e, por último, o osso alveolar (Perrone, 2013).

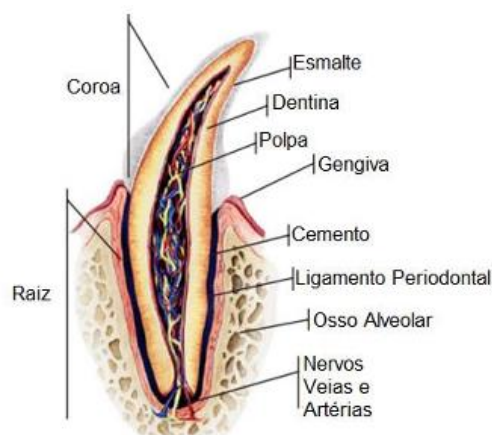


Figura 47- Estruturas dentárias (Adaptado de Perrone, 2013)

O periodonto desempenha a função de sustentação e inclui a gengiva, o ligamento periodontal, o osso alveolar e o cemento, sendo estes os principais locais de origem das doenças que afetam a cavidade oral (Kyller e Witter, 2005).

5.4. Radiografia Odontológica

A radiografia odontológica é uma das ferramentas mais valiosas para o diagnóstico de doenças dentárias. A maior parte das estruturas dentárias e dos tecidos adjacentes só podem ser visualizadas através da radiografia. Em alguns casos, uma lesão pode ser detetada clinicamente, mas a extensão completa da patologia só pode ser avaliada com o uso da radiografia (Moore e Rudd, 2008).

As radiografias intraorais são preferíveis às radiografias do crânio inteiro, uma vez que eliminam a sobreposição das várias estruturas orais e cranianas, permitindo uma visualização mais clara e detalhada (Lemmons e Carmichael, 2008), para além de que o equipamento radiográfico odontológico (Figura 48) possui uma grande flexibilidade, facilitando a manobra para o seu posicionamento correto (Perrone, 2013).

As películas radiográficas (filme) mais utilizadas são as intraorais, pois têm a vantagem de possuir um tamanho e uma flexibilidade adequada para serem posicionadas na boca do animal. A radiografia intraoral é realizada por meio de duas abordagens principais: técnica de paralelismo ou a técnica bissectriz. A técnica de paralelismo é recomendada para realizar radiografias dos dentes pré-molares e molares (Figura 49), onde a película radiográfica deve ser colocada paralela ao eixo longitudinal do dente e perpendicular ao feixe do raio-x. Já na técnica da bissectriz, traça-se uma linha imaginária que liga o ponto médio da película radiográfica ao eixo longo do dente, formando um ângulo bissetor. O feixe do raio-x deve incidir perpendicularmente a esse ângulo bissetor (Sirois, 2022).



Figura 48- Equipamento radiográfico odontológico



Figura 49- Imagem radiográfica de um dente molar com abscesso

5.5. Tratamento Periodontal

O principal objetivo do tratamento da DP é estabilizar a situação atual em que se encontra o animal, eliminando a placa bacteriana e o cálculo dentário através da destartarização para poder reduzir as infecções. Este procedimento dentário é efetuado com o animal sob anestesia geral, com entubação endotraqueal, sendo colocada uma compressa a nível da faringe para evitar a inalação de aerossóis e possíveis fluídos. Antes de realizar a destartarização deve observar-se e avaliar o estado físico de cada animal (Perrone, 2013).

O tratamento de destartarização (Figura 50) inclui a limpeza do cálculo supragengival e cálculo subgengival; após a remoção do cálculo deve proceder-se à raspagem e alisamento radicular, por último é realizado o polimento dos dentes, podendo também ser necessária a extração dentária conforme se encontre a raiz do dente do animal (Penman e Harvey, 1992). Após o tratamento de destartarização, o êxito do tratamento vai depender do controlo dos microrganismos por parte dos tutores que devem realizar uma higiene oral rigorosa dos seus animais em casa (Cooper e Mullineaux, 2011).



Figura 50- Destartarização a um canídeo

5.5.1. Raspagem Supragengival

A profilaxia da DP, inicia-se com a eliminação do cálculo supragengival, utilizando instrumentos odontológicos manuais ou mecânicos (Tutt, *et al.*, 2007).

A remoção de tártaro, através de instrumentos manuais é realizada com *forceps* de extração de cálculo. Esses extratores devem ser posicionados em paralelo à raiz do dente, com a lâmina próxima à margem gengival, permitindo que sejam feitos movimentos firmes, sempre na direção oposta à gengiva, para podermos garantir a sua proteção. A remoção manual de placa bacteriana pode ter também o auxílio de um aparelho de ultrassom que tem a vantagem de acelerar o processo de limpeza dentária e reduz o tempo de anestesia (Brook e Niemiec, 2008).

A extremidade do aparelho de ultrassom deve ser colocada na lateral do dente, fazendo um ângulo de 45^o, e nunca de forma perpendicular. É fundamental irrigar o dente com água fria durante o procedimento e evitar que o aparelho permaneça mais de 15 segundos consecutivos em cada dente, podendo voltar a ele posteriormente, para prevenir o superaquecimento (Penman e Harvey, 1992).

5.5.2. Desbridamento Subgengival

O cálculo subgengival é o mais significativo, pois é onde se inicia o processo da inflamação periodontal, este também é o mais difícil de remover pois é mais duro que o supragengival e tem tendência a localizar-se nas superfícies irregulares do dente.

O sulco gengival e possíveis bolsas periodontais limitam o movimento dos instrumentos e devem ser utilizados instrumentos específicos (ultrassom odontológico) que são adequados para uso abaixo da margem gengival pelo facto de produzir menor traumatismo na gengiva (Tutt, *et al.*, 2014).

5.5.3. Raspagem e alisamento

É necessário realizar a raspagem radicular após a remoção do cálculo através de uma cureta, afim de criar uma superfície lisa sem rugosidades, dificultando assim a acumulação de resíduos. É importante remover todo o tecido necrosado, assim como o esmalte e dentina que estejam associados a toxinas bacterianas (Penman e Harvey, 1992).

5.5.4. Polimento

Após as raspagens, o dente precisa de ser polido, com o objetivo de colocar a superfície lisa e remover, assim, a placa bacteriana restante. Este é realizado com uma escova ou taça de borracha onde é colocada a pasta de polimento (Figura 51 e 52). Este dispositivo é conectado a um contra-ângulo, devendo este girar lentamente para evitar atrito e excesso de calor no dente que poderá causar inflamação (Tutt, *et al.*, 2014).



Figura 51- Escovas e pastas individuais



Figura 52- Polimento dentário em felídeo

5.5.5. Material Cirúrgico em Odontologia

Todos os instrumentos e equipamento odontológicos devem estar limpos, esterilizados e afiados antes do uso em cada paciente. O cuidado e a manutenção do equipamento são de extrema importância, da mesma forma que todos os equipamentos devem ser reparados regularmente. Aproximadamente 300 bactérias diferentes podem ser cultivadas a partir da boca de felídeos e canídeos., pelo que a desinfecção adequada dos instrumentos deve ser realizada entre os pacientes. Assim, a EV é responsável por todo o material que deve ser organizado e devidamente esterilizado antes da cirurgia, para poder evitar a propagação de bactérias. Todo o material utilizado deve ser colocado numa mesa de Mayo e devidamente organizado (Cooper, *et al.*, 2011) (Figura 53). Na mesa cirúrgica deve ser colocado um *vetbed* e por cima um tapete de aquecimento, de forma a evitar a hipotermia, também deve ser colocado um resguardo e um *vetbed* na parte superior onde é colocada a cabeça do animal para o animal ficar confortável e para poder absorver todos os líquidos durante a cirurgia (Figura 54).

O equipamento de proteção individual é, desde logo, de grande importância na cirurgia odontológica, e deve ser utilizado com grande rigor, evitando a exposição a agentes biológicos contaminantes, devendo utilizar-se dois pares de luvas cirúrgicas, proteção ocular com máscara cirúrgica, touca e bata cirúrgica descartável (Perrone, 2013).



Figura 53- Material de cirurgia odontológica

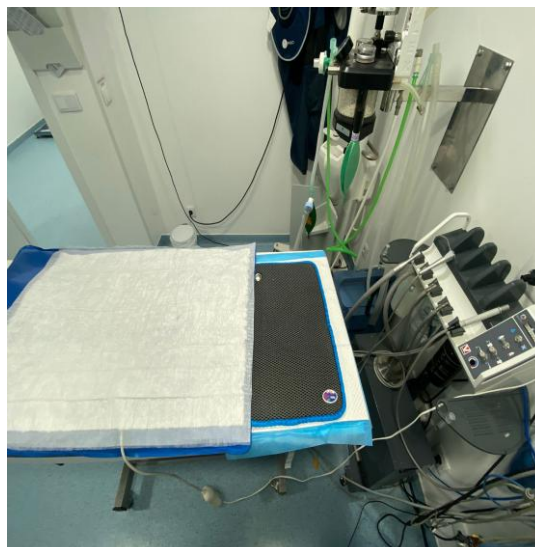


Figura 54- Unidade odontológica com mesa elevadora

5.5.6. Prevenção e cuidados pós-cirúrgicos

Se nenhum tratamento adicional após a cirurgia odontológica for realizado em casa, a DP pode progredir rapidamente, e o tratamento odontológico será necessário novamente num período de 3 meses. É por isso crucial que os tutores estejam cientes desta situação, pelo que é essencial ter uma boa comunicação com o tutor nesta fase (Moore e Rudd, 2008), nomeadamente ensinar a fazer uma adequada escovagem dentária e incentivar a uma nova dieta alimentar, juntamente com exames dentários regulares, o MV pode também recomendar a aplicação de um vedante ou recomendar um gel de prevenção para a placa (Khan, 2010).

5.6. Casuística de animais acompanhados com Doença Periodontal

5.6.1. Caracterização dos animais observados de acordo com a espécie e o género

Durante o estágio curricular foi possível acompanhar a intervenção de 25 animais com DP, 11 canídeos e 14 felídeos (Figura 55).

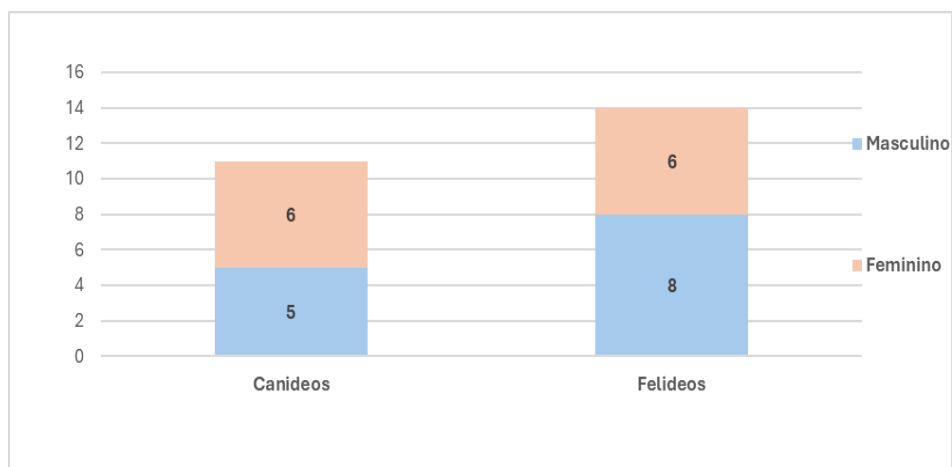


Figura 55- Número de animais observados durante o período de estágio, de acordo com a espécie animal e gênero com Doença Periodontal (n=25)

5.6.2. Relação entre a Doença Periodontal e a idade em canídeos

No Figura 56, está representada a idade dos canídeos com DP. Apenas foram acompanhados canídeos dos 4 anos até aos 11 anos de idade, os canídeos com maior incidência de doença periodontal são animais adultos e seniores.

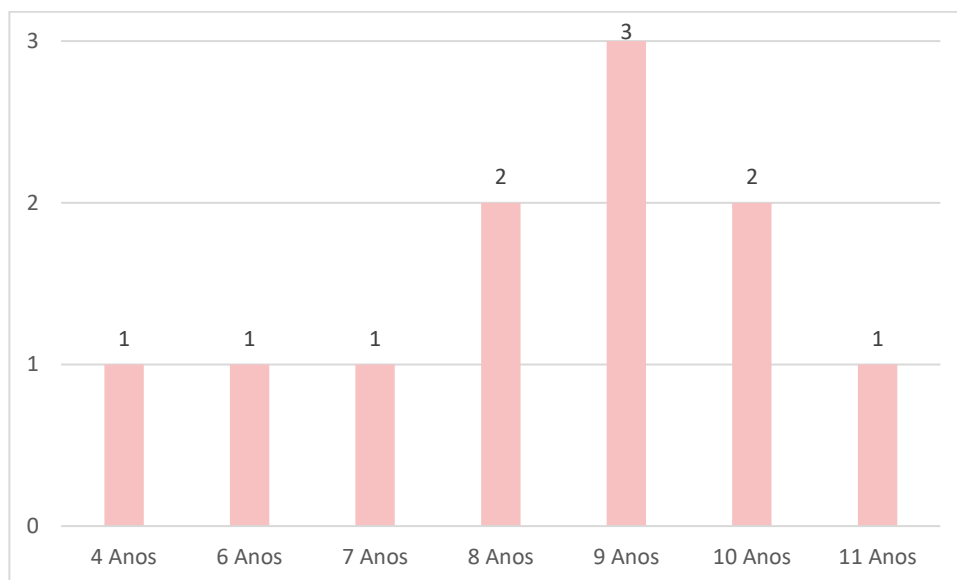


Figura 56- Número dos canídeos observados com Doença Periodontal, durante o período de estágio, por idade (n=11)

5.6.3. Relação entre a Doença Periodontal e a idade, em felídeos

Constatou-se que a faixa etária mais afetada pela DP em felídeos, é a dos 9 anos de idade, apesar de terem ocorrido intervenções em animais a partir dos 2 anos de idade, que apresentavam DP, na sequência de terem FIV (Figura 57).

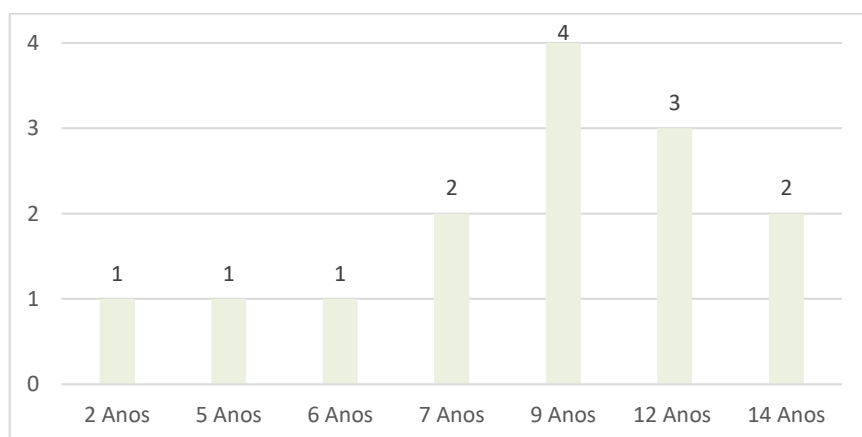


Figura 57- Número de felídeos observados com Doença Periodontal, durante o período de estágio, por idade (n=14)

5.6.4. Relação entre a doença periodontal e a raça em animais de companhia

Na figura 58, podem observar-se as raças de canídeos e felídeos que foram acompanhadas durante o período de estágio e apresentavam DP, sendo possível constatar que existe uma maior frequência de canídeos de raça pequena e miniatura com doença periodontal e de felídeos Europeu comum.

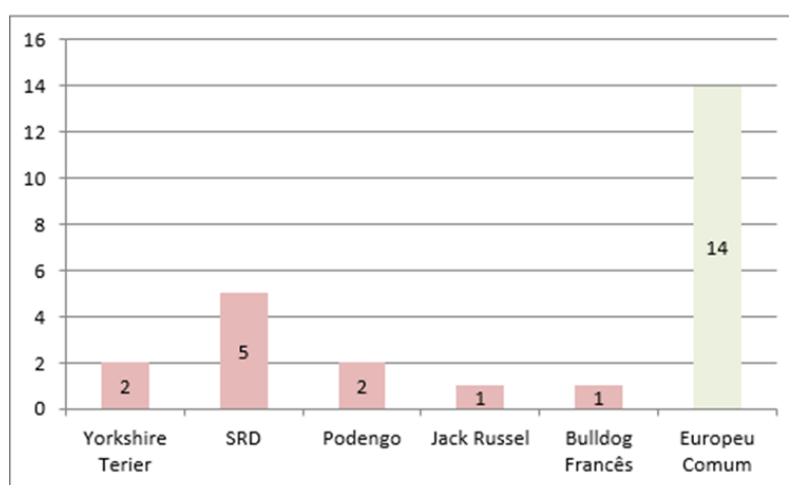


Figura 58- Número de animais acompanhados, durante o período de estágio, que sofriam de Doença Periodontal, por raça (n=25)

6- Considerações finais

A realização do estágio na Clínica Veterinária Patas e Pelos permitiu a consolidação de conhecimentos adquiridos ao longo do curso e a aquisição de novas aprendizagens teóricas e práticas. O estágio curricular foi bastante enriquecedor para o desenvolvimento pessoal e enquanto profissional de Enfermagem Veterinária.

O estágio foi realizado em três áreas diferentes (Cirurgia, Internamento e Consultas de Enfermagem) rodando, de três em três semanas, por área e colegas de trabalho, proporcionando uma aprendizagem enriquecedora e diversificada através do contacto com profissionais diferentes e métodos diferentes.

Uma área que permitiu uma maior evolução foi a área dos exames complementares de diagnóstico, nomeadamente radiografia e análises clínicas.

Relativamente à temática do relatório, foi possível concluir que é de grande importância os conhecimentos anatómicos, etiológicos e perceber como a doença se desenvolve para prevenir e tratar a doença periodontal, já que esta pode afetar substancialmente a vida dos animais de companhia. Foi possível observar que existe maior prevalência da Doença Periodontal em animais com idade avançada, isto porque não tiveram desde cedo um acompanhamento em que esta doença pudesse ser detetada e tratada. A maior parte dos animais com idade avançada e com Doença Periodontal acabam por desenvolver abscessos dentários afetando a raiz dos dentes, com conseqüente necessidade de se proceder à extração dentária.

É muito importante que, cada vez mais, o papel do Enfermeiro Veterinário seja versátil, no sentido de estar apto para realizar vários procedimentos, auxiliando o Médico Veterinário, no entanto é uma profissão que exige uma grande responsabilidade e um investimento constante na atualização dos conhecimentos, de modo a poder acompanhar a evolução nos diversos domínios que permitem apoiar e acompanhar a prática da Medicina Veterinária. Assim, o EV tornou-se um profissional indispensável em ambiente hospitalar, já que é responsável pelo acompanhamento do paciente, assim como pela realização de muitos procedimentos de rotina que visam naturalmente garantir a saúde e o bem-estar animal.

7. Referências bibliográficas

- Brook, A. & Niemiec, D.V.M. (2008). Periodontal disease -Topics in Companion Animal Medicine. pp. 72-79.
- Cooper, B., Mullineaux, E., & Turner, L. (2011). BSAVA Textbook of Veterinary Nursing, (5ª edição). pp. 88-898.
- Ferreira, B. (2012). Doença Periodontal no Cão. Dissertação de Mestrado em Medicina Veterinária. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1677/1/Doen%C3%A7a%20periodontal%20no%20c%C3%A3o.pdf> (Consultado a 16 de junho de 2024)
- Gorrel, C. (2004). Veterinary Dentistry for the General Practitioner. pp. 87-109.
- Gouveia, A. (2009). Doença Periodontal no Cão. Dissertação de Mestrado em Medicina Veterinária. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária
<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1677/1/Doen%C3%A7a%20periodontal%20no%20c%C3%A3o.pdf> (Consultado a 16 de junho de 2024)
- Khan, C. (2010), Manual Merck/Merial de Saúde Animal Veterinária. pp. 87-391.
- Kyllar, M. & Witter, K. (2005). Prevalence of dental disorders in pet dogs. pp. 496-505.
- Lemmons, M., Carmichael, T. (2008). Equipamento dentário básico. Veterinary Medicine. pp. 17-22.
- Madeira, B., (2017). Patologias Oraais: Será que os tutores portugueses sabem o estado de saúde oral dos seus animais?. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária. Escola Universitária Vasco da Gama, Coimbra
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19014/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruno%20Madeira.pdf> (Consultado a 20 de junho de 2024)
- Moore, A., Rudd, S. (2008). BSAVA Manual of Canine and Feline Advanced Veterinary Nursing, Second Editions. pp. 175-193.
- Oba, P. (2014). Efeitos da adição de IgY anti *Porphyromonas gingivalis* na dieta sobre diferentes parâmetros bucais em gatos adultos acometidos por doença periodontal. Dissertação da Pós-Graduação em Nutrição e Produção Animal. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/10/10135/tde-01102014-143247/publico/PATRICIA_MASSAE_OBA_Corrigida.pdf (Consultado a 17 de junho de 2024)
- Ornelas, B. (2021). Principais Problemas Odontológicos em Gatos. Relatório de estágio curricular da Licenciatura de Enfermagem Veterinária. Escola Superior Agrária de Elvas, Portalegre
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/39914/1/Relat%C3%B3rio%20final%20BeatrizOrnelas.pdf> (Consultado 10 de maio de 2024)

- Pennman, S. & Harvey, C. E. (1992) Periodontal disease. (2ª edição). Manual of Small Animal dentistry. pp. 37-48.
- Perrone, J. (2013). Small Animal Dental Procedures for Veterinary Technicians and Nurses. pp. 4- 114.
- Sirois, M. (2022). Veterinary Assisting Exam Review. pp. 190- 197.
- Teixeira, P. (2016). Doença Periodontal em cães: nível de conhecimento dos proprietários acerca da doença e da sua profilaxia. Dissertação em Mestrado de Medicina Veterinária. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa <https://core.ac.uk/download/pdf/48585152.pdf> (Consultado a 5 de julho de 2024)
- Tutt, C., Deeprose, J. & Crossley, D. (2006) BSAVA Manual of Canine and Feline Dentistry, Third Edition. pp. 68- 105.